

O terena que chegou longe

Num momento em que o país discute políticas de cotas para minorias, vale a pena prestar atenção na trajetória do índio terena Rogério Ferreira da Silva. Aos 34 anos de idade, ele é um raríssimo exemplo de indígena que fez carreira acadêmica até o doutoramento. Formado em agronomia e mestre em Ciências do Solo pela Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, deve concluir em 2006 seu doutorado na Universidade Estadual de Londrina. Ele pesquisa organismos com mais de 2 milímetros de diâmetro da fauna invertebrada em solos submetidos a plantio direto. A carreira de Rogério é marcada por lances de obstinação – mas também de muita sorte. Na adolescência, deixou sua aldeia em Miranda, Mato Grosso do Sul,



Rogério investiga organismos do solo

para fazer um curso técnico agrícola numa escola de Cuiabá. Conseguiu a vaga graças à Funai, que convenceu a escola a reservar uma cota para indígenas. Quando concluiu o ensino médio, decidiu acompanhar um grupo de colegas de formatura (nenhum deles de sua etnia) ao Rio de Janeiro, para tentar o vestibular da Universidade Federal Rural

no município fluminense de Seropédica. Foram todos de ônibus. Rogério fez as provas e, em vez de voltar com os amigos, arrumou um lugar na própria universidade para dormir, enquanto esperava o resultado final. Acabou reprovado. Sem dinheiro para voltar, foi pedir ajuda à Funai. Teve seu grande momento de sorte. Uma professora da Universidade

Federal foi acionada pela Funai para ajudá-lo a voltar. Impressionada com a obstinação do rapaz, ela lhe propôs trabalho. Durante um ano, Rogério cuidou de um sítio da professora, enquanto se preparava para o próximo vestibular. Passou e deu início a sua carreira universitária. Depois de viver dez anos no Estado do Rio, Rogério voltou ao Mato Grosso do Sul em 2001. Ele faz sua pesquisa numa unidade da Embrapa em Dourados, que tem ligação com a Universidade de Londrina. Solteiro, volta todos os meses à aldeia onde os pais vivem e tornou-se uma espécie de ídolo dos adolescentes locais. “Noutro dia, um garoto da aldeia ligou me convidando para ir à formatura dele. Disse que queria chegar aonde eu cheguei”, ele diz. •

■ Como estocar as sobras do gás

Uma equipe de pesquisadores do Instituto de Pesquisas Tecnológicas (IPT) descobriu três estruturas geológicas subterâneas, próximas à Região Metropolitana de São Paulo, que poderão ganhar destinação inédita no Brasil: a estocagem de gás natural trazido da Bolívia ou das reservas recém-descobertas na bacia de Santos. Cada uma delas tem potencial para armazenar cerca de 1,6 bilhão de metros cúbicos do gás. A pesquisa foi patrocinada pela Petrobras e

pela Financiadora de Estudos e Projetos (Finep), que investiu R\$ 661 mil no projeto, utilizando recursos do Fundo Setorial do Petróleo e Gás Natural, o CT-Petro. A Petrobras encomendou a pesquisa há três anos, preocupada em formar estoques reguladores de gás natural no Estado de São Paulo, para o caso de haver problemas de fornecimento da Bolívia. O interesse pelos reservatórios aumentou quando foram descobertas reservas de 400 bilhões de metros cúbicos de gás natural na bacia de Santos, a 140 quilômetros do litoral paulista. Com a



abundância de gás, haverá incentivos para a ampliação do consumo no país – justificando a existência de reservatórios próximos a centros urbanos capazes de prevenir oscilações de fornecimento. A prospecção foi feita com técnicas semelhantes às que procuram reservatórios de petróleo – embora o que se deseja sejam estruturas vazias. O grupo do IPT visitou países europeus como França e Alemanha, pioneiros nesse tipo de estocagem, que garante o fornecimento de gás para o aquecimento das residências. “Os franceses

são bastante ousados nessa tecnologia e já buscam estruturas a menos de 500 metros abaixo do solo”, diz Wilson Iyomasa, responsável pela pesquisa no IPT. “As nossas ficam entre 500 metros e 2 quilômetros de profundidade.” O próximo passo é fazer um levantamento geofísico tridimensional sobre as estruturas descobertas. Por razões estratégicas, o IPT e a Petrobras mantêm sigilo sobre a localização dos futuros pólos de estocagem. •

■ Instrumentos de inovação na Internet

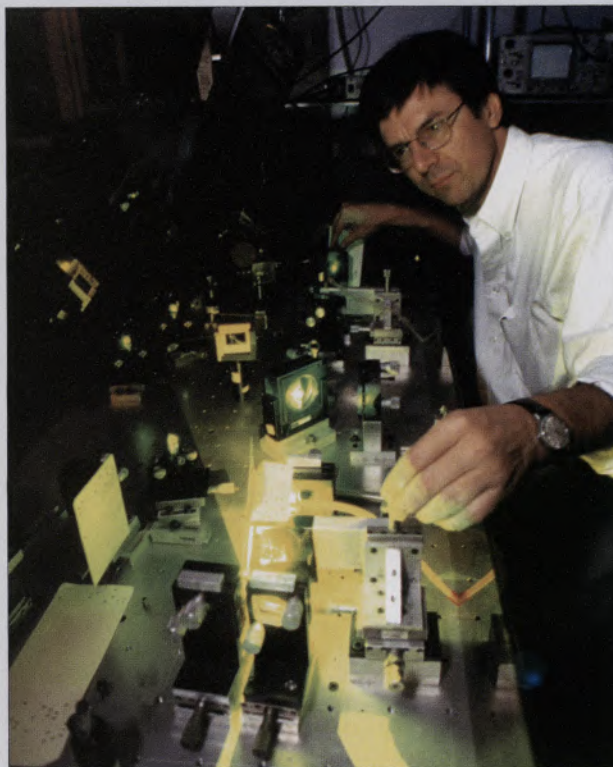
Chegou à Internet um inédito instrumento de apoio à inovação tecnológica. O portal Mobilizar para Inovar (www.inovar.org.br) é voltado para micros e pequenos empresários e futuros empreendedores interessados em conhecer os mecanismos de fomento à inovação e à tecnologia. Traz informações, agenda de eventos e biblioteca on-line. Na seção “Incentivos”, as empresas poderão obter informações sobre todas as possibilidades de conseguir incentivos para apoio a iniciativas de inovação. “Muitas vezes, os processos são incompreensíveis para estes empreendedores”, disse o empresário Jorge Gerdau Johanpetter, presidente do grupo Gerdau e do conselho superior do Movimento Brasil Competitivo (MBC), entidade que criou o portal. O MBC é uma organização de interesse público, apoiada pelo Ministério da Ciência e Tecnologia, por meio da Financiadora de Estudos e Projetos (Finep) – com R\$ 750 mil do Fundo Setorial Verde e Amarelo – e pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) – com R\$ 350 mil em bolsas. •

Prêmio Fundação Conrado Wessel

A Fundação Conrado Wessel (FCW) anunciou, no dia 20 de maio, os seis vencedores do Prêmio FCW nas áreas de Ciência Geral, Ciência Aplicada ao Mar, Ciência Aplicada ao Campo, Ciência Aplicada ao Meio Ambiente, Medicina e Literatura. Os nomes foram escolhidos a partir de 118 indicações feitas por 24 universidades federais, cinco ministérios, três universidades estaduais paulistas – Universidade de São Paulo (USP), Universidade Estadual de Campinas (Unicamp) e Universidade Estadual Paulista (Unesp) –, além do Instituto Tecnológico da Aeronáutica (ITA) e do Hospital do Câncer. O prêmio foi criado em 2002 com o objetivo de incentivar as artes, ciência e cultura. Os seis vencedores dividirão R\$ 600 mil.

● O prêmio Ciência Geral foi conferido ao reitor da Unicamp, Carlos Henrique de Brito Cruz. Engenheiro eletrônico pelo ITA, Brito Cruz foi presidente da FAPESP por três mandatos consecutivos. Foi premiado por sua pesquisa na área de física experimental, sobre fenômenos ultra-rápidos, eventos que ocorrem em menos de um picossegundo (intervalo de tempo de 1 trilionésimo de segundo), além de lasers e semicondutores.

● Dieter Carl Ernst Heino Muehe, professor de pós-graduação em Geografia da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ),



EDUARDO CESAR

Brito Cruz: prêmio por pesquisa em física experimental

ganhou o prêmio Ciência Aplicada ao Mar. Geólogo, Muehe foi um dos primeiros a pesquisar a costa brasileira.

● O agrônomo Jairo Vidal Vieira, pesquisador da Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária (Embrapa), recebeu o prêmio Ciência Aplicada ao Campo. Formado pela Universidade Federal de Viçosa e pós-doutorado pela Texas A&M University, Vieira tem se destacado por seu trabalho no melhoramento genético de hortaliças.

● O prêmio Ciência Aplicada ao Meio Ambiente foi conferido ao biólogo Philip Martin Fearnside, professor do Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia (Inpa). Fearnside é especia-

lista na análise dos impactos da agricultura, pecuária, silvicultura e manejo florestal na região.

● A descoberta de que a inflamação crônica tem papel relevante no aparecimento do diabetes tipo 2 rendeu à endocrinologista Maria Inês Schmidt, da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), o prêmio FCW de Medicina.

● A escritora Lya Luft, autora de *Perdas e ganhos* e *Pensar é transgredir*, além de outros 15 títulos ganhou o prêmio de Literatura. Formada em pedagogia e letras anglo-germânicas pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Lya é mestra em Literatura Brasileira e Portuguesa pela UFRGS. •